

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

Antônio Geraldo da Cunha — DICIONÁRIO HISTÓRICO DAS PALAVRAS PORTUGUESAS DE ORIGEM TUPI — Edições Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1978, pp. 357.

Esta obra, em formato 27 x 18, 357 pp., material excelente sob qualquer aspecto, veio enriquecer os estudos lexicológicos dos tupinismos acolhidos no Português desde os primórdios da colonização lusa.

Tal empreendimento mereceu do filólogo e Acadêmico Antônio Houaiss um rico Prefácio — estudo do qual extraio algumas palavras, as suficientes para resumir o valor da obra: É “um marco no estudo do português do Brasil, indispensável aos estudiosos com formação filológica, lingüística, histórica, literária, cultural e o que mais for nas amplas áreas das chamadas ciências sociais”.

Quem conhece o Sr. Antônio Geraldo da Cunha através das INFLUÊNCIAS ESLÁVICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA, não fica decepcionado ao perlustrar o DICIONÁRIO, porquanto foi seguido o mesmo método, aliás sob todos os aspectos utilíssimo, e por haver maior interesse pelos vocábulos de procedência tupi, eleva-se em importância à obra anterior.

Desde cedo atraíram-me os estudos tupinícios, não só em si, mas também relacionados com o português. De 1935 é NOVOS RUMOS DA TUPINOLOGIA “in” “Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes”, t. 1.º, n.º 2, Curitiba, e de 1937 é o ESTUDO ELEMENTAR DE FONÉTICA HISTÓRICA TUPI-PORTUGUESA, apêndice (da p. 159 à 164) aos PONTOS DE GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA, Livraria Acadêmica, SP. E na então Faculdade de Filosofia da UFPR ministrei aulas não só de fonética histórica latino-portuguesa, árabe-portuguesa, mas igualmente tupi-portuguesa.

Lançando a vista aqui e acolá, chamaram-me a atenção certas afirmações de natureza fonética do tupi, as quais não traduzem a realidade, e, por isso, os reparos necessários que eu tomo a liberdade de fazer: 1) Não encontro base para o A. recusar a existência do fonema **b** oral como primitivo; admite, sim **u** (grafado com semicírculo sotoposto), em seu lugar. Ora, o **b** oral é primitivo, e não esse **u**. Bastem os exemplos que são extraídos das obras antigas: JABUTI, IGAÇABA, URUBU... Na gramática de Anchieta vê-se, “passim”: APÁB, MBOBI, NUPÁÇABA, ABÀ, etc. Na de Figueiredo: PABE, IA-BIÔ, MOROBIXABA, TYBA, etc. No VOCABULÁRIO DA LÍNGUA BRA-

SÍLICA: APÀS, TOBAQUE, IGGAPEBA, AJUB, PEPOBO, UPABA, etc. No DICIONÁRIO PORTUGUÊS – BRASÍLICO (manuscrito do séc. 18), publicação de Pínio Ayrosa, boletim 135, SP, 1951: YBYPY, YBYRÁ, APYAYBA, ROBÁ, etc. No DICIONÁRIO PORT.-BRASILIANO E BRASILIANO-PORT., Plínio Ayrosa, "in" "Rev. do Museu Paulista", t. 18, SP, 1934: TENDÁBA, PURYB, APABINHÉ, AÁB, TÁBA, etc. Nos GLOSSARIA de Martius: ÇAUÇUB, IROBA, YBA, JUBA, TOBAJARA, etc. Na HISTÓRIA DE UMA VIAGEM... de J. de Lery, trad. de M. Lobato, 1926: ERE-IOUBÉ, MOBOUY, A-AUB, SÉBOUY, etc.

O **b** oral primitivo encontra-se também no guarani antigo, p. ex., na GRAMÁTICA Y DICIONARIOS de Montoya: ABARÉ, YBAG, CHÉBE, COBAE, etc.; no TESORO do mesmo A.: ABÁ, ÁF.B, URUBÚ, etc.

Nos MATERIAUX POUR SERVIR À L'ÉTABLISSEMENT D'UNE GRAMMAIRE COMPARÉE DES DIALECTES DE LA FAMILLE TUPI, Paris, 1896, Lucien Adam inclui o **b** oral entre os fonemas primitivos, e assim também Aryon Dall'Igna Rodrigues (meu ex-aluno) no artigo MORPHOLOGISCHE ERSCHEINUNGEN EINEN INDIANERSPRACHE "in" "Münchener Studien zur Sprachwissenschaft", 7, Munique, 1955: "Reibenlaute: stimmhaft, bilabial **b**..." (com variantes), p. 81. Na CONTRIBUIÇÃO PARA A ETIMOLOGIA DOS BRASILEIRISMOS (RPF, IX, Coimbra, 1958) do mesmo A., o **b** é considerado primitivo, como se 'YUB, "amarelo", 'PEB pode verificar "passim": O'BI, "azul, verde", "chato", I'ROB, "amargo", etc. No meu ESTUDO ELEMENTAR já citado: "Tupi .b. (intervoc.) > Port. .b., .v. (p. 161).

O **u** (com o semicírculo sotoposto) que eu contesto como primitivo, é o que se acha no tupi amazônico, mas resultado da evolução do boral, e, todavia, conservado em várias palavras (UBARANA, CURUBÉ, URUBU, etc.). Da GRAMÁTICA DA LÍNGUA TUPI e do VOCABULÁRIO TUPI-PORT. do Pe. C. Tastevin ("Rev. do Museu Paulista", XIII, SP, 1923) sejam exemplos: AWA?, "quem?" (tupi ant. ABÁ?), AWI, "agulha" (tp. ant. ABÍ), AYIWA, "ruim" (:p. ant. AYBA), CUAU, "saber" (tp. ant. KUABA), etc. Do CURSO DE LÍNGUA TUPI VIVA OU NHEENGATU do Gen. Couto de Magalhães (O SELVAGEM, 3.^a ed., SP, 1935) extraio AUÁ?, "quem?", IAUÁRA, "cão", AUATÍ, "milho", etc. De E. Stradelli nos VOCABULÁRIOS DA LÍNGUA GERAL – PORTUGUÊS-NHEENGATU E NHEENGATU-PORT. "in" "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", Rio, 1929: YUÁ, "árvore", YPÁUA, "lago", YASAUA, "atalha", etc. Ele diz o seguinte, quando trata do fonema **b**: "Se sobrevive o **b**, já não se trata de pronúncia nheengatu e, sim, de pronúncia decididamente portuguesa" (p. 15).

Ademais, como se há de distinguir na pronúncia entre o fómena representado por **u** com o semicírculo sotoposto e o representado por **ü** também com o semicírculo sotoposto (p. 19)?

No meu brevíssimo estudo de fonética tupi-portuguesa apresentei como primitivos -ã, e(n), -i, -ô, u(n) (todos oxítonos) que, em geral, passaram respectivamente para -á, -é, -í, -ó, -ú: **Paranã** > Paraná, **Paraná, Apacé(n)** > Apacé, aipi(n) > aipim, aipi, **wyrarô** > guiraró, ipecu(n) > ipecu, etc. Vejo isto confirmado por estes exemplares do DICIONÁRIO, de que ora me ocupo: **ará'kuā** > aracuá, aracoá, *ka-mua'tâ > cambuatâ, cambuaíá, kari'mâ > carimâ, carimá, iaka'mi(n) > jacamim, jacami, iurú'mu(n) > jerimum, jeremu, kiri'ri(n) > quiriri.

Diante disso, por que *karapa'na > carapanâ, kuri'ma > curimâ, maraka'na > maracanâ, *tuku'ma > tucumâ, eirapu'a > arapuâ? O inverso, sim, é que é verdadeiro. Ainda outros exemplos: **pana'ku(n)** > panacu, çá'wi(n) > sagüim, sagüi, a'nu(n) > anu (op. Stradelli anun, anu). Fenômeno símile ocorreu, p. ex., do latim para o catalão: (**pane** >) *pan > pá, (bene >) *ben > bé, (caminu >) *camin > camí, (bonu >) *bon > bó, (alicunu >) *algun > algú.

Delicados são os casos, assim penso, dos exemplos de -im, quanto há também provas de aparecimento "espontâneo" de -m (nasalização) em vocábulos de origem arábica: **badui(m)**, **alfaqui(m)**, **marravedi(m)**, **marroqui(m)**, **albardí(m)**, etc.

Que o vocábulo que traduz "redondo" é primitivamente oxítongo nasal -apuâ-, cf. Tastevin **apuâ**, "coisa redonda"; P. Ayrosa, VOC. PORT.-BRASÍLICO "redondo ser" — **apuá** (Também ocorre **apuâ**, **apoá** e **apoâ**); L. Adam **apwa.m**, "rond" (p. 94). Assim, de **pirapú'a** só poderia chegar a **pirapuá** e não **pirapuâ**, "peixe redondo".

Por que **o'mbi**, "verde, azul"? NO VLB o que se acha, é **obig**, **çobi(n)**, **aobobig**. O Pe. Lemos Barbosa anota **oby**. No VOC. PORT.-BRA-SÍLICO tem-se **uby**. Em Montoya: **hobi**, **tobi**, **ibagobi**. No guarani atual (Pe. A. Guasch, EL IDIOMA GUARANI, Assunção, 1948): **hovy** (cujo -v- é proveniente de -b-, como em **avá**, "homem", **yvy**, "terra", etc.).

Assim também por que ***aru'mbe** (> arubé), **iambu'ru** (> jaburu,), ***i'mbi-** (> ibi.), ***imbo'tira** (> ybotigra), etc.? Parece-me que não há **arumbé**, **jamburu**, etc.

No verbete **maruim** devem ser descartadas as variantes 5 **marigui**, **margini** e 9 **biriguí**. A sua fonte é **mbari'gui** (cf. Montoya **mba**.

rigui, "mosquito"; L. Barbosa, **marigüi**). Parece que é cognato de **mberu**, "mosca" (Montoya), **meru** (Stradelli), **merú** (Gonçalves Dias), **merú** (VPB), **berù** (VLB), e sem excluir **meruí**, diminutivo do anterior, nem **maruí** (Aulete, Aurélio, Stradelli na parte port.), **maruim** (Martius).

A forma com **e** parece anterior à com **-a-**, e mais freqüente (Martius, G. Dias, Montoya, L. Barbosa). E estou ainda propenso a admitir ligação etimológica com **muri-goca** ou **muruçoca** (Tastevin).

O segundo elemento talvez seja o mesmo de **aioçoc**, "picar".

Muiraquítā é composto tupíngua de **mboyra**, "colar, cadeia, conta" e **kitā**, "nó", i. é, "nó de ou para colar". Esta tradução é melhor que "nó de pau" ou "nó de gente" (Stradelli, Aulete).

Vejo em **nhandui**, etimologicamente, o oposto a **nhanduaçu**, de modo que **nhadu** quer somente dizer "aranha" (Cf. VOC.PORT.-BRA-SILICO **ñandu**, Stradelli **iandú**, G. Dias **iandú**, Montoya **ñandú**, Guasch **ñandú**).

Congonha tem por ascendente o caingangue (família jê) **kongoi(n)**, "erva-mate", melhor, "chá de erva-mate".

Não posso compreender **caíçara** > **kaai'sa**, nem **mbai'ta** > **baifaca**, **maitaca**. Como se explicariam as sílabas finais? E assim também **batuíra** > ***mbatui'i**.

E **maritaca** parece outra ave (cf. Martius, GLOSSARIA, p. 461; Tastevin, VOC., s.v. **maritataca**). É duvidoso **á** > **â**: ***kaaku'nda** > **cacundê**. **Capão** < **kaa'pau(n)**, i. é, "ilha do mato".

Piri não é redução de **piripi'ri**, mas este vocábulo é reduplicação daquele. Cf. guarani (Montoya) **piri**, Tastevin **piri**, "a erva dura, juncos" e **piripirí**, "juncos aquáticos", Stradelli **pirí**, "casta de juncos, que cresce nos campos e lugares úmidos" e **piripi**, "casta de juncos da terra firme" (*Cyperus piperioca*), Martius **piri**, G. Dias **pery**.

No verbete **pixuna** não vejo na abonação de 1763 o conceito "pequeno mamífero roedor". **Pixuna** < t.pi é abreviamento de **pira**, "pele" + **una**, "prata", com um elemento de ligação **-x-**.

Puçanguara. Acho mais razoável traduzi-lo "bebedor (**guara**) de narcótico" (**peçang**)" e **moçanguijara**, sim, "senhor das mezinhas". Cf. **potyguar(a)**.

Em que se baseia o A. para justificar o tupi **iasapu'kaia**? A forma **jaçapucaya** ante as demais, numerosas, justificam **çapu'kaia**.

Suaçu. Parece que se devem postular dois étimos: **sua'çu** e **si'wa-**
çu. Martius cita **çuguasu-eté** em Piso.

Tabarana é também chamado **tubarana**, **jutubarana** e **jatubarana**
(v. Alberto Vasconcelos, VOCABULÁRIO DE ICTIOLOGIA E PESCA,
Rio, 1949, 2.^a ed., s. v.).

Parece que em **taioca** se tem o abreviamento de **taciba**, em **ta-**,
assim como em **tapiáí**, **tataoca**.

També deriva não de **ta'mbe**, porém de **t-a'mbe**, i. é, com o
prefixo da classe superior; a forma **çambê** tem o prefixo **ç**, da clas-
se inferior.

Tigüera é redução de **abatigüera**, i. é, "ex- (**wera**) roça de mi-
lho (**abati**)". No Aulete: "roça de milho ou de ou'ras p'antações
anuais, depois de efetuada a colheita; restolho". No Aurélio: "1.
Milharal, já cozido e extinto. 2. Roça depois de efetuada a colheita".
"Sinônimo geral: **abatiguera**" ("sic"). Portanto, **tiguera** e não **tygüera**.

Tijucupaus pode provir de **tu'uuk**, "lama" + **upaba**, "lago".

Tiquara deve ter por éntimo, de fato, **ti'kuara**, confirmado pelo
tupi amazônico **tycuára** (Stradelli), **tycoára** (G. Dias).

Em **araponga** = **güiraponga** vejo em **ara-** um sinônimo de
wyrá, o qual se acha também em **araçari**, **aracuã**, **araguaí**, **arapapá**
(mundurucu **ara papa**, C. Strömer), **arapaçó** (**arapaçu**), **aratajaçu**, **ara-
güyrá**, **araúna**, **ariramba**, **arirana**, assim como talvez em **arapuca** e
arataca. Ou **ara** é o mesmo que **ará**, "periquito"?

Deparam-se-me estes vocábulos no pauserna, dialeto guarani
da Bolívia oriental (cópia da coleção original de Friedrich von Horn,
1952), que justificam a existência de **ara-**: **arapapa**, **arapéa-huí**, **ara-
kúa**, **arapasua**, **arähare**, todos a significar espécies de ave. Nada tem
de ver com **guardá** nem com **arara**; este de origem onomatópica.

Ante os exemplos que o A. apresentou de **açaí**, a forma pri-
mitiva deve ter sido **açá** ou, melhor, **uaçá**, visto que há **uaçaçu**, no-
me de outra espécie de palmeira (gênero *Atalea*). Assim, ***uaçá**, com
o sufixo **-i**, de diminutivo, formou **uaçáí** (v. Martius, p. 408). Nos
VOCABULÁRIOS de Stradelli tem-se **uasaí** e **asaí**.

Baseado em **mandaçaia**, **mandaguari**, **manduri**, **mandaguaçu**
(Martius) e talvez **mangangá** (pauserna **manàna**), estou propenso a
reconhecer como componente **mand-**, "abelha", o qual, isoladamen-
te, desapareceu por qualquer motivo, e substituído por **efraruba** ou

íraruba, i. é, "pai (**r-uba**) do mel (**eíra**)".

Acho que não seria demais reservar umas linhas acerca da variação do timbre da vogal e: **irerê-ireré**, **jererê-jereré**, **ipê-ipé**, **tietê-tietê**, etc., assim como da representação gráfica i e c (+e, i), ç (+ a, o, u), ao nominalizador -a, etc.

Nas Considerações Preliminares declara o A. quais os objetivos do DICIONÁRIO: "Visa, primordialmente, a contribuir para o progresso dos estudos de lexicografia histórica portuguesa. Infelizmente, é força confessar, quase tudo está por fazer nesse domínio..." E mais adiante: "Urge, também, preparar a curto prazo um amplo e objetivo para a elaboração do futuro Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos..."

E a presente obra, "que pretende venha a integrar-se nesse grandioso projeto, constitui um modesto subsídio para a sua realização".

"Em razão de seu caráter predominantemente histórico", o A. deixa de registrar inúmeros vocábulos de procedência tupi consignados nos dicionários da língua portuguesa", isto é, preferiu acolher "apenas os vocábulos que estão devidamente documentados nos textos consultados". Tal é, pois, o seu conceito de dicionário histórico. Em outras palavras, história dos termos tupínicos documentados desde o séc. 16.

É pena que o A. haja assim procedido. O seu critério de histórico pode, em consequente, ser qualificado de certo modo como frívológico, e não estritamente lingüístico. Não será demais lembrar que, antes de serem documentados em textos, os tupinismos foram acolhidos de viva voz. Em absurda hipótese de todos os colonizadores e outros serem analfabetos, não poderiam, mais tarde, os tupinismos ser identificados e considerados tais no falar do português do Brasil?

Se o A. não quis apanhar material dos dicionários, poderia, então, fazê-lo de outras fontes, como as obras especializadas de Barbosa Rodrigues, F. C. Hoehne, Pio Correia, A. J. Sampaio, Loefgren, Marcgrave, Francisco Freire Alemão, J. G. Kuh'mann, Alexandre Hummel, Rodolfo Ihering, Martius, etc., e aí se lhe depararia certamente o que foi inserto naqueles. E os estudos de tais autores não seria difícil encontrá-los, uma vez que o A., "com o propósito de coligir uma documentação abundante, ampla e tão variada quanto possível", não mediu esforços "para consultar todos os textos de

"Língua portuguesa..."

Sob certos aspectos é muito útil e seguro a consulta de obras de naturalistas do que preocupar-se com abonações de escritores do século 19 e 20.

O DICIONÁRIO tem, entre outras, estas qualidades que convém salientar: 1) Registro de dezenas de vocábulos de que "não foi possível indicar o seu verdadeiro significado nem estabelecer a sua etimologia". 2) Inclusão de todas as variantes atestadas pelos mais simples matizes gráficos. 3) A transcrição fiel, "ipsis litteris" de passos abonatórios de obras antigas, várias da quais raras, e, sempre que possível, extraídos da primeira edição, ou, então, até de manuscritos.

Vê-se, portanto, que, apesar dos senões, estamos ante um DICONÁRIO excepcional e sério, prestadíssimo para os estudiosos de diversas especialidades.

Parabéns a Antônio Geraldo da Cunha!

R. F. Mansur Guérios

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA LITERÁRIA

Doña Bárbara. Rómulo Gallegos. Caracas. Dimensiones, 1978. 386p.

Gallegos. Materiales para el estudio de su vida y de su obra. Efrain Subero (compilador). Caracas. Ediciones del Congreso de la República. 1979. 406p.

Cercanía de Rómulo Gallegos. Efrain Subero (organizador). Caracas, Cuadernos Lagoven, 1979, 82p.

Se considerarmos que as edições críticas, as biografias insuspeitas, a crítica descolonizada, a História Literária, enfim, (pelo menos na grande maioria) dos países latino-americanos está para ser feita, torna-se expectativa a comemoração de um evento literário pelo que pode representar a nível reevaliativo.

Doña Bárbara, de Rómulo Gallegos (Venezuela, 1884 — 1968), romance escrito durante a ditadura de Juan Vicente Gómez foi publicado há cinqüenta anos atrás. Juntamente com **La trepadora**, **Cantaclaro**, **Caraima**, **Pobre negro** &, numa extensa obra literária, um título importante como o testemunham suas numerosas edições e traduções, inclusive uma em português, feita em Curitiba pelas edições Guaira.

A edição do cinqüentenário, na Venezuela, com prólogo de Rafael Caldera, glossário e a história da obra contada pelo autor, em 1954, para a edição do Fondo de Cultura Económica, foi feita pela Editorial Dimensiones.

Tanto Rómulo Gallegos cuja carreira política vai culminar na presidência do país, como sua obra, elaborada ainda sob moldes europeus, são motivo de controvérsias, sobretudo num momento em que o posicionamento dos escritores se mostra claramente adverso à manutenção do status político-social de seus países e à importância de esquemas literários que nada tem a ver com a realidade latino-americana.

Com a proposta de mostrar um Rómulo Gallegos sem intermediários, simplesmente através de suas próprias palavras, Efrain Subero, Professor da Universidad Simón Bolívar, prestou sua homenagem — que aliás, se vem construindo ao longo de anos de estudo — em duas publicações que irão se constituir, sem dúvida, um importante material de apoio para o estudo da obra de Gallegos. A primeira é uma compilação que recolhe documentos ou sinópses de documentos, quase todos inéditos e na maioria oriundos do arquivo particular de Gallegos, além de uma bibliografia exaustiva que reúne não somente títulos publicados, como a obra dispersa (fotinetes e artigos) e também notas de imprensa ou qualquer tipo de referência à vida cu a obra do escritor venezuelano. A segunda é a elaboração de Cuadernos Lagoven cuja matéria se apresenta em quatro partes diferentes: Cercanía de Rómulo Gallegos, (assinada por Efrain Subero), Cronología vital, o Ideario, Bibliografía selectiva além de um interessante material econográfico. Na rubrica Ideario, Efrain Subero tentou sistematizar aquilo que, segundo ele, constitui a base e a substância do trabalho literário de Gallegos. Destacadas da obra — lástima que não haja a indicação bibliográfica dos textos selecionados — surgem então reflexões sobre determinados aspectos da vida de seu país que são aplicáveis a todo o continente latino-americano: o ensino que sobrecrega a inteligência, afoga a livre iniciativa da criança em nome de "una odiosa moral de histriones o esclavos"; o imperialismo Ianque "atisbando la oportunidad para adueñarse de nuestro territorio a nombre de una protección que no necesitamos"; a figura do ditador, a falta de liberdade, a imensa pobreza do povo, "su estoicismo inútil".

Na verdade, a leitura de Rómulo Gallegos deve ser feita. Se, representa, como o entendem tantos, a visão elitista, típica de uma sociedade dividida em castas, o haver se detido no "homem deformado sin culpa" que habita as terras americanas pode levar a formulações e a reformulações que são, mais do que nunca, imprescindíveis para todo e qualquer latino-americano.

Cecília Zokner